

O encontro de Netto e Anahy

Juremir Machado da Silva[§]

Se não há um cinema gaúcho, mas filmes realizados no Rio Grande do Sul por cineastas nativos, existe, com certeza, um falar gaúcho no cinema rodado nos pampas. É aí que a coisa complica. Ou, como diria o gaudério, “que a porca torce o rabo”. Sem qualquer preocupação com a objetividade, pode-se dizer que três obras recentes integram o patrimônio do que se rotulará aqui de “cinema com sotaque gauchesco pós-moderno”: *Anahy de las Misiones*, *Lua de outubro* e *Netto perde sua alma*.

Anahy de las Misiones (1997), de Sérgio Silva, uma adaptação escancarada de Brecht ao universo da Revolução Farroupilha, encantou um público seletos e parte da “categoria”, os pares. *Lua de outubro* (1997), de Henrique de Freitas Lima, mais popular, não convenceu o povo nem arrancou os aplausos dos especialistas. *Netto perde sua alma* (2001), de Beto Souza e Tabajara Ruas, ainda anda por aí, errando, em busca de uma platéia que o justifique e de uma crítica que o confirme. O cinema gaúcho está de volta. O público... não.

Hermético, *Anahy de las Misiones*, carregou na cor local e no linguajar pitoresco, obrigando até mesmo os gaúchos a consultarem dicionários de “gauchês”. Mas desse tom regional não resultou qualquer acréscimo à densidade do filme. Ficou como um apêndice a sinalizar que num tempo qualquer, numa época certamente mítica, falava-se de uma maneira cujos vestígios ainda se podem localizar em expressões corriqueiras.

Lua de outubro tentou ser mais simples, mas não menos comprometido com a linguagem regional. Escolheu termos mais conhecidos e talvez mais atuais. Contudo, não

se desligou da inclinação para a cópia de uma matriz estéril.

É como se estes cineastas gaúchos, preocupados com as temáticas rurais, históricas e da mitologia local, encontrassem na linguagem gauchesca a expressão mesma de uma identidade quem sabe precária. A fala gaúcha, em outras palavras, impressiona quem deve fazer falar os gaúchos.

Netto perde sua alma foi menos gaudério e contentou-se com algumas passagens jocosas para ilustrar a “charla” dos pagos. Talvez por isso a boa história filmada por Tabajara Ruas salte da tela com uma leveza não encontrada em seus predecessores. Há, certamente, problemas de veracidade histórica em *Netto*, mas um filme, de qualquer maneira, existe para adulterar a realidade. Ao menos para que dessa realidade surja uma compreensão mais clara dos sonhos dos sonhadores.

Lua de outubro e *Netto perde sua alma* são adaptações de obras literárias. *Anahy de las Misiones*, mesmo que isso não apareça oficialmente, é a transposição de uma referência da dramaturgia mundial. Nos três casos, o cinema permaneceu devedor de outra fonte, recuando no tempo à



Werner Schünemann como general Netto



Araci Esteves como Anahy de las Misiones

procura de âncoras narrativas consolidadas. Há, nesse tipo de filme, uma inclinação para documentar, demonstrar, sintetizar, condensar um imaginário. Não fosse demasiada provocação, seria possível dizer que são filmes etnográficos.

Num encontro fictício entre Anahy e Netto, aconteceria provavelmente um reconhecimento. Uma identificação costurada postumamente na linguagem dos cineastas. O passado, enfim, conseguiria se exprimir pela boca do presente, tecendo continuidade onde possivelmente tenha existido salto e obscuridade. Tudo isso é de menor importância. O fundamental está numa sintonia posterior ao fato: o encontro das falas num mesmo gênero de expressão: o sotaque.

O sotaque é mais do que um tique, mas não chega a ser um estilo, embora não se resuma ao cacoete. Fica entre a forma e o conteúdo como uma dobradiça, um selo, um rastro, um excesso, embora longe do abscesso, mas perto do recesso da universalidade. Quando se ouve o sotaque é porque o conteúdo da fala se escondeu o fundo falso da forma. Como uma aliteração, o dito se esconde no não dito e a fala é redita em si mesma, como uma redundância. Um filme com sotaque não é gago, mas, como diria o professor Anibal Damasceno Ferreira, não pode ser assobiado.

O sotaque gaudério atual é pós-moderno por juntar o arcaico de uma fala mítica com as necessidades comerciais da indústria cultural. Tudo isso supostamente em nome da arte. *Anahy de las Misiones* pretendeu ser o menos comercial dos três filmes abordados aqui, mas se conseguiu vender pouco, permaneceu demasiado local para quem pretendia uma linguagem universal. Não se foi da aldeia ao mundo, mas do universo ao pago.

Lua de outubro preocupou-se menos com as consequências teóricas da sua expressão e mais com o diálogo, impossível, com um público global. Ficou no galpão. Nada há de errado nisso. Nem em constatá-lo. Como cartografia de um certo linguajar campeiro, do ponto de vista da cidade, o filme atingiu o objetivo que não tinha. O tiro saiu corretamente pelo cano. Só que atingiu a culatra do espectador.

Já *Netto perde sua alma* se desviou um pouco dos trilhos da arenga gaúcha, embora não tenha conseguido decolar. Falta-lhe o impulso das obras sem sotaque, mas com destaque. Para não ser pesado como *Anahy de las Misiones* nem leve demais como *Lua de outubro*, aceitou não ter peso. Ficou comedido. Em terra de extremados, uma obra equilibrada acaba com gosto de chuchu.

De tudo isso, resta, intacto, o sotaque. Está certo que a hegemonia do inglês no cinema incomoda, mas o "gaúchos" não parece a saída.

Fichas técnicas e artísticas

Anahy de las Misiones
(1997, 115', 35 mm, cor, son)
Direção: Sérgio Silva

Realização: M. Schmiedt Produções (Porto Alegre). **Produtores associados:** Monica Schmiedt, Gisele Hiltl (Producers-NGM), Sérgio Silva. **Co-produção:** Quanta, Consórcio Europa Severiano Ribeiro. **Produção executiva:** Monica Schmiedt. **Direção de produção:** Gisele Hiltl. **Argumento e roteiro:** Sérgio Silva, Gustavo Fernández. **Roteiro com a colaboração de** Tabajara Ruas. **Direção de arte:** Luiz Fernando Pereira. **Maquiagem:** Luiz Carlos Jamonot. **Direção de fotografia:** Adrian Cooper. **Música:** Celso Loureiro Chaves. **Edição de som:** Luiz Adelmo, Anã Chiarini, José Luiz Sasso. **Mixagem:** José Luiz Sasso. **Montagem:** Juan Carlos Macias

Elenco: Marcos Palmeira, Dira Paes, Araci Esteves, Fernando Alves Pinto, Giovanna Gold, Claudio Gabriel, Matheus Nachtergaele, Ivo Cutzarida, Paulo José, Leverdógil de Freitas, Marcos Barreto, Roberto Birindelli, Oscar Simch, Nelson Diniz, Robinson Sawitzki, Marcelo Almeida
Vídeo e DVD: lançados comercialmente

Lua de outubro
(1997, 100', 35 mm, cor, son)
Direção: Henrique de Freitas Lima

Realização: Empresa Cinematográfica Pampeana (Porto Alegre) em co-produção com Jorge Andrés Roza (Argentina). **Produção associada:** Imágenes Centro de Medios Audiovisuales-Uruguay. **Produção executiva e Direção de produção:** Mariangela Grandó, Carlos Piwowarski. **Roteiro:** Alfredo Sirkis, a partir de contos de Mario Arregui. **Direção de arte:** Felipe Helfer. **Fotografia:** Alberto Basail. **Desenho de som:** Marcos de Aguirre. **Som direto:** Ernesto Trujillo, Juárez Dagoberto. **Música:** Sérgio Rojas, Celau Moreira. **Montagem:** Miguel Pérez

Elenco: Alberto de Mendoza, Marcos Winter, Beatriz Rico, Paulo Silva, Oscar Simch, Tony Middleton, Sirmar Antunes, Izabel Ibias, Zé Victor Castiel, Pilly Calvin, Nestor Monastério, Maria Luiza Benitez, Antonio Augusto Fagundes, Cesar Schirmer, Elena Lucena, Tiago Real, Cnstiane de Freitas, Edison Acrí, Lóri Nelson, Colmar Duarte, Patsy Cecato, Giovana de Figueiredo, Sérgio Rojas, Rodrigo Freire, Laurinda Severo
Vídeo: lançado comercialmente.



Beatriz Rico e Izabel Ibias

Nota

§ Escritor e professor da FAMECOS-PUCRS.